



Editorial

Um Mestrado Profissional “em gênero”

André S. Musskopf*
Sabrina Senger*
Tiago Ademir Graube*

Em 2014 iniciou-se um processo de reestruturação do Programa de Gênero e Religião a partir do projeto “Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe”, financiado pela Igreja Sueca. Como o próprio nome do projeto afirma, o objetivo era retomar o processo vivido na Faculdades EST desde a criação da Cátedra de Teologia Feminista, em 1990, e fragilizado com a redução de financiamento externo desde 2009, e ressituar a instituição num contexto de grandes desafios para a teologia de modo geral e para a teologia feminista e os estudos de gênero de modo específico.

Um dos projetos retomados foi o de constituição de uma revista que pudesse ser espaço de divulgação da produção de conhecimento realizada em diversos ambientes e perspectivas no campo feminista e de gênero. Assim se materializou o periódico “Coisas do Gênero”, agora já no quarto ano de existência. Outro projeto retomado foi a criação de um curso de formação no âmbito da pós-graduação que trabalhasse especificamente métodos e conteúdos relacionados a essa área do conhecimento. E, assim, também se materializou a linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade, no Programa de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST (MPG).

A proposta da linha de atuação foi desenvolvida a partir de uma iniciativa anterior com a criação e realização de uma especialização *lato sensu* em “Gênero, corporeidade e religião”. Uma edição desse curso foi realizada em Salvador, Bahia, em parceria com a Faculdade Batista Brasileira, em 2010 e 2011, e teve financiamento da agência holandesa ICCO/Kerk in Actie. A nova proposta, que ampliou a carga horária e adequou o curso às exigências do Mestrado

* Doutor em Teologia (2008). Faculdades EST. asmusskopf@hotmail.com

* Mestranda em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CNPq. binasenger@hotmail.com

* Mestrando em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CNPq. tiago.a.graube@gmail.com

Profissional, foi aprovada ainda em 2014 pelo Conselho Acadêmico e teve seu primeiro processo seletivo em 2015.

Ao longo dos últimos anos, treze pessoas (11 mulheres e 2 homens) participaram dos diferentes módulos do programa. Destas, 10 finalizaram seus estudos e apresentaram o Trabalho Final, 2 não concluíram o curso e 1 está em fase de conclusão. Com a realização de processos seletivos semestralmente, percebe-se a relativa pouca adesão à linha de atuação, sendo que, desde 2017, não houve novos ingressos e consequente formação de novas turmas. Em diferentes momentos, ofereceram-se subsídios na forma de desconto em mensalidade (4 estudantes foram beneficiadas com diferentes porcentagens) ou mesmo bolsa integral (não concedida por falta de candidatas) para facilitar o acesso, particularmente para mulheres que atuam como lideranças sociais ou religiosas.

O que poderia ser considerado um “insucesso” revela as contínuas dificuldades provocadas por questões de gênero, tanto em relação à temática propriamente dita quanto às distintas realidades de mulheres que têm dificuldade de acessar estudos de pós-graduação. Nas diversas tentativas realizadas pelo PGR para atrair candidatas e candidatos, evidenciou-se, entre outras coisas, uma resistência com relação à temática (especificamente considerando as implicações da formação nessa área específica para a atuação profissional), com relatos de pessoas que tinham interesse na linha de atuação e foram desmotivadas, mas também dificuldade de acesso, particularmente de mulheres, tanto em termos de falta de tempo e recursos para sua formação quanto ausência de formação anterior (particularmente em teologia) que permitisse o ingresso na pós-graduação.

Muitas dessas questões se evidenciaram também no cotidiano de convivência com quem optou por essa linha de atuação, inclusive por parte de colegas de outras linhas do mesmo programa. Em diversos momentos estudantes comentaram que, por simples identificação ou como forma implícita de questionamento e reprovação, tanto individualmente quanto coletivamente, as pessoas vinculadas à linha eram referidas como “o grupo das feministas” ou o “pessoal de gênero”. Não é possível desconsiderar que esse processo também se deu em meio à popularização da expressão “ideologia de gênero”, usada por setores conservadores para criar um pânico moral em relação aos movimentos sociais e aos estudos acadêmicos no campo do feminismo, da diversidade sexual e de gênero. Toda essa campanha, fundada em desinformação e/ou no seu uso mal-intencionado, sem dúvida impactou, de diversas formas, a atuação nessa área.

Todas essas questões precisam ser aprofundadas em estudos futuros e não é disto que trata, necessariamente, esse volume do periódico “coisas do gênero”. Aqui, cumprindo o papel e o objetivo desta revista, abrimos espaço para a divulgação das pesquisas realizadas com muita dedicação e compromisso por profissionais que aceitaram o convite para aprofundar as temáticas

propostas pela linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade, algumas delas se deparando com essas temáticas sem muito conhecimento prévio e outras utilizando essa oportunidade para refletir sobre caminhos já percorridos. Em seu conjunto, as pesquisas e os artigos que compõem o Dossiê revelam justamente o que se propõe a linha de atuação e os rumos do feminismo contemporâneo: perspectivas plurais em termos de temática, conteúdo e método, cujo elemento mais explicitamente comum é a valorização e incorporação das experiências das pesquisadoras e do pesquisador, seja em âmbito pessoal ou de atuação política e profissional. Um outro elemento comum, sem dúvida, é a aposta na construção do que temos chamado de “justiça de gênero”.

O Dossiê começa com um texto de Cíntia Rugno de Aguiar dos Santos que apresenta suas experiências e vivências no Mestrado Profissional em Teologia – linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade, ajudando a leitora e o leitor a entrar no contexto de sua proposta e execução. A autora fundamenta-se no trabalho de Marie-Christine Josso para refletir sobre como essas experiências e vivências se transformaram em “experiências formadoras” que configuram um “caminhar para si”, nesse caso através do feminismo. O mesmo impacto de “confrontar-se com o feminismo” aparece no texto de Flávia Regina S. Martins, o qual a levou a descobrir e redescobrir questões relacionadas à sua etnicidade e à sua religiosidade. O ponto de encontro se dá através da figura de Auta Rosa de Amarante, uma santa da devoção popular do nordeste brasileiro.

A busca por dar visibilidade às histórias e experiências das mulheres também está presente nas pesquisas e nos artigos de Joana Darc Xavier Alves, Rosane Philippsen e Cristina Scherer. No âmbito da discussão sobre historiografia, Joana redescobre e dá visibilidade aos saberes das mulheres que participaram do processo de colonização da cidade de Araputanga no estado do Mato Grosso. A partir de entrevistas disponíveis no Centro de Educação, História e Cultura da cidade, ela reconstrói e apresenta as falas dessas mulheres, devolvendo-lhes seu lugar na história. Rosane investiga e descreve o contexto em que surgiu o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), seus desafios e sua atuação no contexto da Igreja. Cristina visita os Encontros Nacionais de Ministras da mesma igreja na perspectiva da sororidade, buscando preservar as memórias dos encontros e destacando elementos fortalecedores e empoderadores experimentados neles.

O artigo seguinte, de Simone Maria de Sousa Silva, discute como as conquistas do movimento feminista provocaram mudanças na compreensão do lugar das mulheres e os papéis desempenhados por elas na sociedade. Mais especificamente reflete sobre a percepção social em relação a mulheres solteiras que não casam e/ou não têm filhas e filhos, perguntando-se se essas percepções se alteraram no contexto recente ou não.

Os dois artigos seguintes entram no campo das políticas públicas. Deisy Christina Moreira Santos tematiza a importâncias das questões de gênero e sexualidade na escola, entendida como



espaço de socialização e produção de corpos, perguntando-se particularmente pela presença dessas temáticas no âmbito da formação docente como forma para preparar as e os profissionais que atuam na educação. Já Francisco Maurício de Sena Júnior, também no campo da educação, apresenta dados e discute questões relacionadas às políticas educacionais para o acesso de negros e negras, tendo como contexto a cidade de Macapá, estado do Amapá.

Por fim, o Dossiê encerra com um artigo de Daniéli Busanello Krob, resultado de sua pesquisa de doutorado, autora que atuou como convidada em componentes curriculares do MPG. O artigo reflete sobre as respostas de ministras e ministros do Sínodo Rio dos Sinos da IECLB a um questionário que buscava identificar a percepção delas e deles acerca da violência doméstica em suas comunidades, bem como possíveis atividades ou ações sobre essa temática. A partir da reflexão sobre as respostas a autora apresenta desafios para as igrejas.

Outras seções do volume também dialogam com a temática da linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade do MP. Edla Eggert, que atuou como docente convidada em vários componentes curriculares do MPG, foi entrevistada por Sabrina Senger e Tiago Ademir Graube. O relato de experiência apresenta reflexões sobre o Mestrado Profissional, mas também sobre a trajetória da docente e desafios atuais no campo da educação em relação a questões de gênero. O relato de experiência, de autoria de Marcela de Maria Sehn Fonseca, apresenta o resultado de pesquisa realizada com estudantes do MPG com base na metodologia de mapeamento de mudanças alcançadas (*outcome mapping*) pelo PGR. O texto traz dados quantitativos sistematizados em gráficos e tabelas, bem como relatos descritivos a perguntas que visavam perceber o impacto da linha de atuação na vida pessoal e profissional de estudantes. Marcela também é responsável pela elaboração da resenha do livro de Márcia Tiburi intitulado *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (Rosa dos Tempos, 2018).

Por fim, o vol. 4, n. 1, do periódico “coisas do gênero”, na seção Memória, apresenta um relato da trajetória de Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro, elaborado por Sabrina Senger e Tiago Ademir Graube. Ainda sem solução por parte das autoridades responsáveis pela investigação, o crime teve repercussão mundial e Marielle Franco tornou-se um símbolo de indignação e luta contra a violência e a injustiça vivida cotidianamente por diversos grupos sociais e de maneira intensificada na conjuntura atual do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro. Uma foto sua também estampa a capa desse volume como forma de fazer memória e afirmar seu compromisso ético, político e teórico. Embora os artigos e as demais seções do periódico não se referiam diretamente a Marielle, entendemos que, em sua pluralidade, eles apontam para desafios que também marcaram a sua vida e a sua morte. Por isso, este volume é dedicado à sua memória.

São Leopoldo, julho de 2018.

Marielle. Presente!